

Leitura psicanalítica do romance «Sinais de Fogo» de Jorge de Sena

FRANCISCO ALVIM*

Depois de Freud — e do seu texto genial «Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade — as transformações da puberdade» — a última fase do desenvolvimento fisiobiológico confunde-se com o estudo da evolução adolescencial dos muitos problemas abordados no texto. O criador da psicanálise encara a transformação da «tensão sexual», fenómeno ainda ligado a um modelo pulsional vitalista, para a noção de «prazer sexual», fenómeno já puramente construído psicologicamente segundo o modelo dos processos secundários do pensamento. A sexualidade, fenómeno biológico presente em todos os organismos vivos, e definindo mesmo a noção de vida, transmuta-se em psico-sexualidade, situação característica em todos os seres humanos e definindo provavelmente a característica essencial da problemática inter-pessoal no domínio das relações dos seres humanos entre si.

Depois de Peter Blos e de Erik Erikson, inspirados ambos no texto freudiano a que aludi, é usual encarar o que se passa no indivíduo e no seu meio após a puberdade (fenómeno biológico, como referi) às vicissitudes adolescenciais. Embora, diz Peter Blos, não se possa encarar a fase adolescencial como um fenómeno específico, independente de outras fases crí-

ticas do desenvolvimento psico-sexual anteriores a ela, isto é, às da infância, vamos considerar as características específicas da adolescência e encarar esta como uma das crises mais importantes, decisivas e vitais na constituição da personalidade do adulto social.

Esta crise, exaustivamente estudada por Erikson como a concretização da identidade pessoal, comporta um fenómeno de polarização sexual, delimitação precisa das diferenças e semelhanças entre os sexos, na qual, assegurando o que Erikson considera como a principal função psicológica da adolescência: o assegurar da intimidade sexual. É nesta direcção exclusiva, de resto seguindo também o texto freudiano, que vamos abordar o problema, dando a palavra discursiva aos escritos de Jorge de Sena. As hesitações, a confusão, as dúvidas e as certezas de um adolescente dos anos 36, época da minha própria adolescência e por isso por mim escolhida para esta ocasião. Dá-se também a coincidência de que no romance que vou focar a acção se desenrola durante uma estada de férias na Figueira da Foz, o que constitui a segunda razão da minha escolha para apresentar este tema.

Vejamos o tema central do romance, escrito sob a forma auto-biográfica.

No início da sua carreira universitária, Jorge vem passar as férias grandes a casa de uns tios maternos, na Figueira da Foz. É o momento da

* Psicanalista. Professor no Curso Superior de Psicologia, Universidade de Lisboa.

eclosão do que depois se chamou a «Guerra de Espanha». A par dos acontecimentos sociais desenrola-se o drama interno de Jorge, ao cumprir o seu destino de homem em procura da sua identidade através das suas experiências conturbadas e confusas, até chegar ao final, definido pela sua libertação de um pensamento criativo e sublimado. Diz Jorge de Sena: «*Sinais de Fogo*», primeira parte de um vasto ciclo que não sei se chegarei a escrever. Este volume, de que estão escritas 400 páginas, trata apenas de alguns meses do ano de 1936; e o plano geral pretende cobrir através da experiência de um narrador, a vida portuguesa desde 1936 a 1959 (1968). Jorge de Sena morreu antes de terminar a sua obra. Este é um ponto que gostaria de comentar.

A literatura sobre a adolescência está cheia de escritos mais ou menos precocemente escritos. A proximidade dos conflitos vividos pelos autores não lhes confere um necessário recuo para os formalizar em termos de um processo psicológico evolutivo. Por isso «*Sinais de Fogo*» só pode ser uma obra tardia e quiçá inspirada por uma ideia de morte, e através da qual a rememoração faz o seu efeito. Convém aqui lembrar que também os «*Três ensaios*» de Freud são uma obra de reconstrução feita através das descrições dadas pelos clientes adultos vistos na prática psicanalítica.

A veracidade é pois obtida através de uma reflexão crítica onde o «acontecimento» se inscreve na realidade histórica do «processo».

A chave do processo da adolescência está na eleição do objecto amoroso, verdadeira paixão de terríveis vicissitudes. Vejamos como Jorge de Sena a descreve:

«A paixão, descobri, era isto: ao mesmo tempo, um desejo ansioso e total de posse exclusiva, e um reconhecimento, entre desesperado e feliz, de todos se identificarem conosco. No momento em que, pela paixão, nos sentíamos mais nós mesmos, era quando todos os outros eram nós mesmos em nós. Mas, se assim acontecia, se, no conhecimento absoluto de nós mesmos pela paixão, nos identificávamos afinal muito menos com o objecto dela

que com todos os outros seres que, nesse objecto, participavam da sua realidade e mesmo a constituíam, a paixão destruíam-se a si própria, ou nós próprios nos destruíamos, e os outros nela. Senti uma espécie de vertigem. E logo percebi que nós mesmos inventávamos a paixão. A Mercedes tornava-se, na minha vida, uma «mulher fatal». Mas quem a criara assim, e à fatalidade que inundava e manchava tudo, havia sido eu mesmo. Se eu a perdesse, procurá-la-ia em todas as mulheres; se eu a ganhasse de vez, perdê-la-ia dentro de mim.»

Esta eleição não é simples, na realidade é uma «re-eleição», diz Freud, e podem sentir através da maravilhosa prosa e da riqueza linguística de Jorge de Sena, como se processa a «construção» do objecto de amor a partir do que Freud chamou auto-erotismo (ou narcisismo) e que em boa verdade é apenas regressão a uma imagem do passado, geralmente o objecto edipiano. De resto Jorge de Sena bem o explicita:

«De todas as imagens, a que outras se sucediam, destacavam-se, absorventes porque iam absorvendo todas as outras, a de Mercedes que se debruçava para a minha cama e eu esbofetava com o meu lenço branco, e a do Rodrigues (como se ele fosse meu tio, o Macedo, o Ramos, o Almeida).» O Almeida era o primeiro amante de Mercedes, será bom explicar, para melhor entendimento deste texto. O Rodrigues prefigurava o machão membrudo, inestável e ambíguo na proeza erótica — o pai edipiano.

A eleição do objecto de amor não se faz subitamente e não é destituída de processos paralelos de retorno às imagens antigas. Vejamos os processos da analidade:

«Pancadas na porta, obrigaram-me a correr para o 'nosso' quarto, em que a desordem das roupas e do lavatório davam ao regresso, ao contrário do que seria de esperar, menos um tom de reatado prazer que o contacto com uma sordidez que não tivesse sido criada por nós, mas por antecessores ocasionais. Compreendi que o que de nós seja anterior é sempre como uma sordidez alheia, uma espécie de

devastação e de lixo, que nós próprios fazemos existindo, e que nos fazem os 'outros', os que nos antecederam, e podemos ser nós mesmos. O nojo que sentimos da sujidade e da desordem dos outros não é diverso se 'eles' forem ou tiverem sido nós próprios.»

Agora o mundo infernal das imagens orais de incorporação, ligadas ao objecto primário:

«Eu afastei-me, e levava na imaginação, brilhando, os dentes da velha, que ela não mostrara, mas que deviam ser brancos e aguçados, cheios de laivos verdes, como dentes de vampiro. Na minha cabeça, a boca dela abria-se sombria, rubra, humedecida de filamentos brancos, tépida, aspirante, e nos dentes afiados como navalhas, atrás dos da frente (afiados e recurvos) havia entalados, como migalhas de pão, pedaços sangrentos e esponjosos dos sexos que ela devorara, depois de os aflagar com as mãos cheias de anéis.»

É difícil, sem este domínio da linguagem poética que possui Jorge de Sena, traduzir melhor as ansiedades que assaltam ao descobrir o mundo da sexualidade, engravidado que está este sempre pelo mundo imagoico do passado infantil.

Outro escolho porém ainda se levanta para dificultar o que dizia antes sobre intimidade sexual. A homossexualidade: vejamos como Jorge de Sena a conceptualiza. Trata-se de um cenário onde Jorge e Luís (um duplo de Jorge) encontram uma mulher para ambos:

«Abraçados a ela, éramos um envolvimento de pernas e de braços, em que contra a perna dela, senti que o meu sexo amolecera. Ela também percebeu, e foi verificar com a mão. O brio profissional irritou-se-lhe. Afastou o Luís para dedicar-se a mim, usando várias técnicas sem resultado. Eu levantei-me da cama: Ele que vá. Fica para outra vez.

Mas o Luís, agarrado a ela, arquejou: — Não não, ele primeiro — e, como eu começava a vestir-me, veio segurar-me as mãos numa súplica: — Não, não, venha — e arrastou-me para a cama onde, numa fúria, me abracei à mulher e a penetrei enfim. Quando acabei e me despeguei de cima dela, o Luís estava de joelhos

na cama, ao meu lado. Ela fez menção de levantar-se, mas ele atirando-se-lhe para cima, não deu tempo, e penetrou-a violentamente. Fui lavar-me, desviando os olhos dos movimentos rítmicos dele, e procurando não ouvir os roncões desvairados que ele soltava. A excitação dele parecia desmentida pela demora interminável em aquilo acabar. Mas os movimentos eram agora mais controlados do que a princípio: com horror, percebi que, apesar da excitação, ele protelava o fim, para gozar atentamente o sentir-se no que eu deixara lá.»

Neste cenário estão enquadradas duas vivências: a homossexual através da posse de um objecto comum, e o fascínio do material genital, esperma no caso vertente.

A mudança que define a puberdade na imagem corporal: a primeira ejaculação ou menarca constitui um fascínio e uma ansiedade que vem a dificultar a mobilização libidinal que implica a escolha do objecto amoroso, tal como já foi referenciado, se bem que indirectamente. Ouçam novamente Jorge de Sena:

«O sexo dela era uma delicadeza belíssima, rosado e estreito, com as bordas brilhando suavemente, não parecia ser de uma mulher por certo usada por centenas de homens de todos os feitios, e tinha um aspecto discreto e virginal que contraditava com o gesto grosseiro com que ela o exhibia.»

Aqui pensámos no investimento do sexo oposto como matéria de curiosidade e atracção, que supera a proibição adípiana.

Vou terminar agora com a última fase deste dramático processo. Jorge encontra o seu caminho de identidade. Aquele que todos os adolescentes terão que encontrar se escaparem à confusão entre a elaboração da vivência e a acção directa, à qual a divulgação atrabiliária da psicanálise e uma má compreensão dos conceitos freudianos não é de todo irresponsável. Os adolescentes de que temos aqui falado são aqueles, justamente, que tendo falhado a elaboração da sua crise de identidade, regressam, actualizando suas imagens arcaicas, a uma confusão identificativa onde penoso se torna deseñar claramente os objectivos que prosseguem.

Não obstante, esta confusão contém, na medida em que o conflito é ainda vivo, uma promessa e um projecto de prosseguir o processo da identidade, processo de sublimação onde as interferências imagoicas são substituídas pelo processo psicológico.

«Virei-lhe as costas e continuei a descer a rua. Ouvi-lhe os passos mas não me voltei.

— Eu não sou quem você julga. Há-de ver.

Nisto um vulto despegou-se de um portal e também de uma sombra de mulher, mesmo a meu lado, e deve tê-lo segurado: — Que é que você quer do homem? Largue-o. Vá-se embora.

Ele deve ter desistido, porque, ao fim da rua, à esquina, voltei-me e não vi ninguém. Só a luz do candeeiro, e escassamente, iluminava a rua.

A esquina precipitava-se numa curva de inclinada hélice para uma rua larga e sombria, ao fundo da qual passaram amareladamente as luzes de um carro eléctrico carregado de gente. Chegado lá em baixo, fiquei perplexo noutra esquina, sem conseguir coordenar ideias ou uma decisão. A luz de um candeeiro fez-me lembrar que também eu estaria numa boa figura, e estava: a camisa fora das calças, o botão do colarinho reventado, o que era o menos e um rasgão no peito dela. Entalei a camisa, tentei apertar o casaco mas o botão faltava, apertei-o com um dos botões inabituais. Sentia a nuca dolorida, e ainda os dedos dele no pescoço. Mas uma enorme paz me invadia, tão grande, que tive de focar os olhos para a claridade com que ela acrescentava a iluminação da rua. Procurei no bolso o papel que não encontrei. Queria escrever, tinha de escrever. Mas, ao enfiar a mão no bolso da

caneta, senti humidade. Estava quebrada, e os dedos voltaram-me cheios de tinta. Nada tinha importância: rasgado, sujo de tinta, eu tinha de arranjar com que escrever. Encontrei um lápis. E na carteira encontrei enfim um papel. Enquanto não escrevesse, não saberia que escrever, e portanto não podia escrever apenas mentalmente. Dando voltas ao papel que se me furava contra a carteira, escrevi:

Sinais de fogo, os homens se despedem exaustos e tranquilos, destas cinzas frias. E o vento que estas cinzas nos dispersa não é de nós, mas é quem reacende outros sinais ardendo na distância, um breve instante, gestos e palavras, ansiosas brasas que se apagam logo.»

Fogo, como toda a gente sabe, é o símbolo da sexualidade. O destino desta não é a descarga pura e simples, como Freud pensou de início. Ela vai dar origem a todo um processo que Jorge de Sena descreve com minúcia e no qual as imagens brutas devem ser transformadas em processos mentais ricos e matizados que fazem da criança o projecto realizado de todas as culturas e de todas as sociedades.

Jorge de Sena foi um adolescente do meu tempo. Eu conheci-o. Era um jovem tímido no qual nada fazia prever que viria a tornar-se num homem célebre. Grande parte da sua vida foi ensinar português em universidades estrangeiras. O seu domínio da língua nacional é a meu ver ímpar, e por isso eu o escolhi para ilustrar a minha conceptualização sobre o processo analítico demonstrado pelo ensaio freudiano, a meu ver um dos grandes momentos de criatividade do Mestre da Psicanálise.